

De frente para Pasárgada

Nada como um horizonte verde e desimpedido para limpar os olhos e acender utopias. O segredo é se postar numa varanda e, como JK, imaginar-se fazendeiro da terra prometida

» RAFAEL CAMPOS

Fotos: Carlos Silva/CB/D.A Press

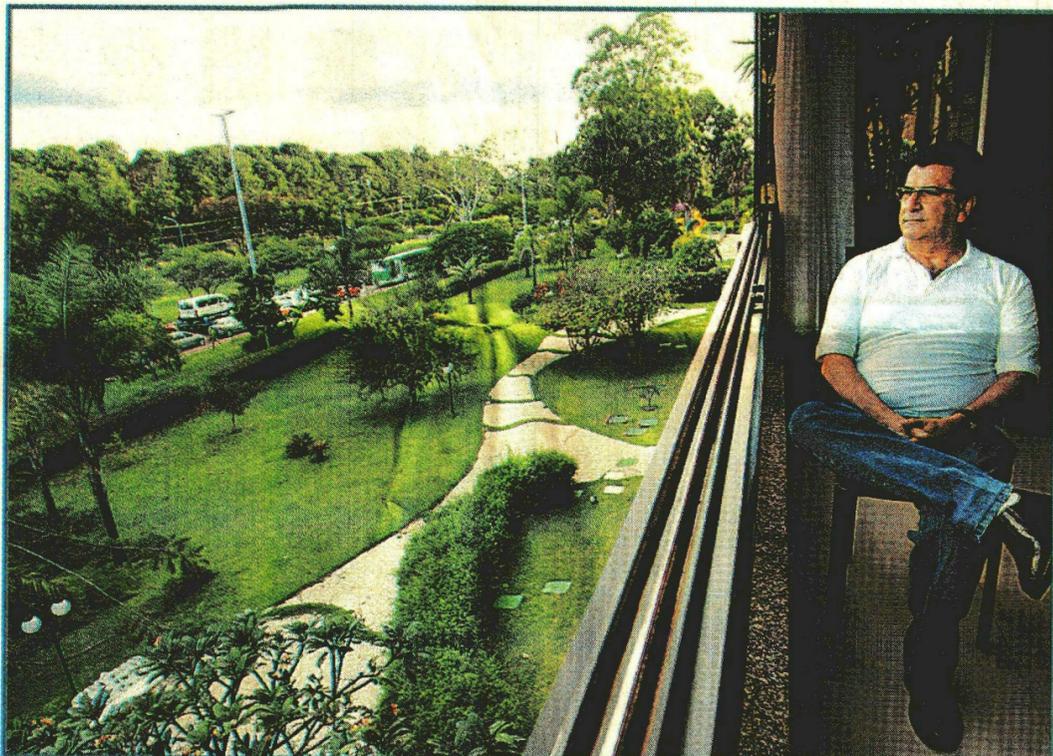
É claro que o poeta Manuel Bandeira não se inspirou na paisagem que o servidor público Paulo Barbosa, 56 anos, vê da sua janela quando escreveu *Vou-me embora pra Pasárgada*. Porém, se tivesse oportunidade de olhar daquele imenso janelão que dá para o Parque da Cidade, é provável que o literato recifense não negasse que sua terra prometida estaria bem representada aqui — geografia completamente limpa de obstáculos de pedra, verde em qualquer ângulo que se mire. É assim que Barbosa enxerga o horizonte da cidade que escolheu para viver, há 30 anos, quando deixou Goiás.

“O que consigo ver da janela foi um dos grandes motivos para comprar esse apartamento. Não só pela calma e beleza, também pela certeza de que ninguém jamais construirá algo que atrapalhe o que vejo”, celebra Barbosa, que mora no Sudoeste há seis anos. O amplo apartamento se torna, por vezes, pequeno diante de tamanha beleza. A primeira reação de quem o visita é contemplar a vista da varanda. “Sempre chego em casa, fico de chinelos, sento aqui ao lado e faço as minhas próprias viagens. De todas as imagens que tenho de Brasília, essa aqui, por ser minha, é a número um.”

O funcionário público conta que chega a fazer graça com os sobrinhos diante da sua janela. Sempre que o visitam, Barbosa gosta de garantir que todo o verde que eles enxergam é sua fazenda. “Me perguntam, incrédulos: ‘Mas todos têm carro, tio?’. E eu brinco: ‘É que pago muito bem aos meus funcionários’”, diz, rindo.

Ele acredita que os maiores problemas da capital federal não são diferentes daqueles

“Sempre chego em casa, fico de chinelos, sento aqui ao lado e faço as minhas próprias viagens. De todas as imagens que tenho de Brasília, essa aqui, por ser minha, é a número um”

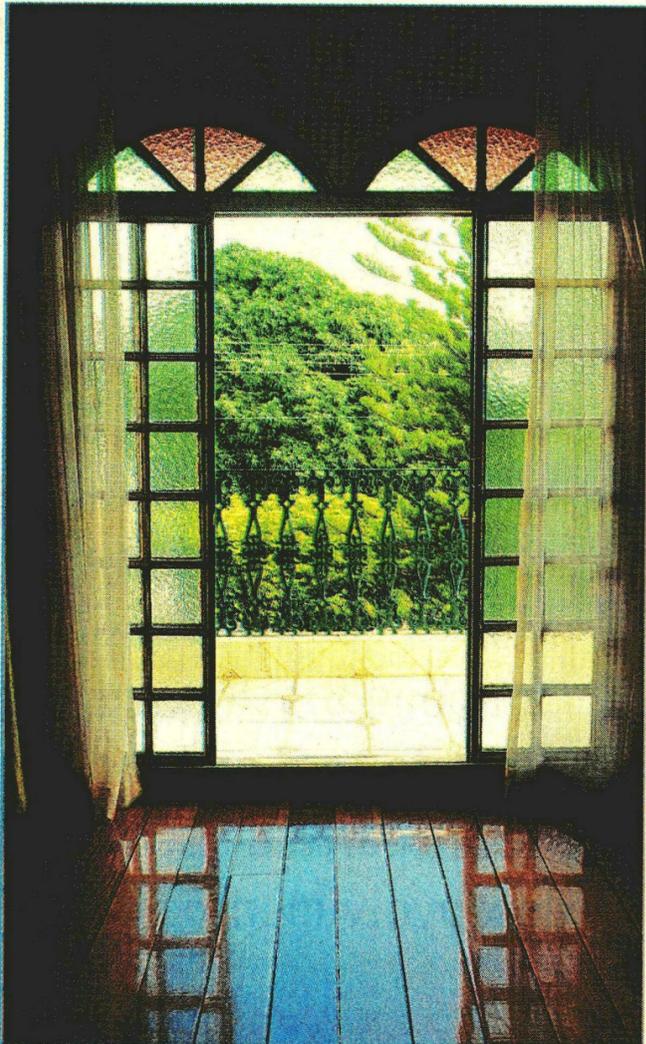


vistos em outras metrópoles do país. “Saúde, educação, segurança. Mas, dessa janela, vejo estes sendo resolvidos. Porque o homem que criou isso aqui, Juscelino Kubitschek, tinha exatamente essa visão que tenho. Do horizonte limpo, bonito, de pessoas humanas e honestas.”

A cidade acolheu Barbosa bem, mas não sem esforço. Ele lembra que a primeira casa em que morou com a esposa, Nélia Martins Barbosa, era modesta e o teto, de amianto, deixava o ambiente quente e abafado. Aos poucos, como ele mesmo diz, Brasília retribuiu seu trabalho, garantindo hoje o conforto que tem.

O servidor público ainda aposta que sua história de amor com a capital possa ser repetida por outras pessoas. “Com certeza absoluta. Brasília ainda é uma cidade de oportunidades. Não percam nunca os seus sonhos, porque essa é a cidade para realizá-los. A sua Pasárgada está aqui.”

Fotos: Daniel Ferreira/CB/D.A Press



JANELA DO CRUZEIRO

» ALINE BRAVIM

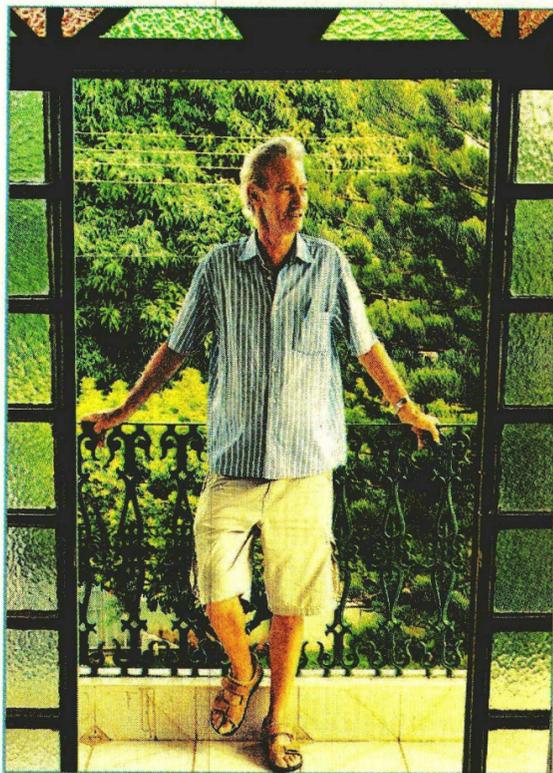
De seu quarto, o funcionário público aposentado Aristides Cândido de Oliveira, 75 anos, assiste, todo ano, às festividades do Sete de Setembro. Morador do Cruzeiro Velho há 23 anos, ele se debruça em frente a uma das principais vias da capital federal: o Eixo Monumental. E foi exatamente de lá que ele acompanhou o crescimento de uma parte da cidade criada por Juscelino Kubitschek.

A janela se abre também para a Igreja Rainha da Paz, para o Quartel-General do Exército e para a antiga Rodoferroviária. Há alguns anos, avistava-se a Torre de TV, um dos monumentos da cidade mais procurados pelos turistas. Hoje em dia, a atração está encoberta por árvores, plantadas no terreno oposto em frente.

Desde julho de 1963, o mineiro vindo de Tiros (MG) aprendeu a amar o Planalto Central como se tivesse nascido nele. “Adoro esta cidade. Vim em busca de trabalho e o consegui. Aqui criei toda minha família, formei meus filhos, cuidei de tudo”, conta, orgulhoso. Seu Aristides já viajou muito, mas mantém a capital no coração. “Já fui a Madri, a Paris, a Jerusalém, a Roma, a Portugal, ao México, ao Egito e a centenas de lugares. Confesso que aqui está entre os lugares mais bonitos que conheço.”

Morando em uma das regiões administrativas mais bem localizadas do DF, o aposentado presenciou o crescimento “atropelado” de uma cidade que se levantou rapidamente. “Antigamente, a tranquilidade era maior, sem dúvida. Não tinha trânsito. Aqui, em frente de casa, por exemplo, não tinha nada, nem a igreja. Só tinha mato. Eu não fiquei rico porque deixei de comprar casas e lotes lá em Taguatinga, que hoje valem milhões”, brinca o pioneiro, que teve a oportunidade de ver diversos projetos brotando no barro avermelhado.

Apesar da urbanização, o senhor bem-humorado continua registrando cenas dignas de cidades de interior. As árvores que fazem sombra na calçada do doce lar da família Oliveira dão frutos dos mais diversos. “O povo passa, dá uma paradinha para colher e comer frutas. É muito tranquilo aqui.”



Os primeiros tempos de Aristides no Planalto tiveram algo de improvisado, como era de se esperar. Mas as condições estavam longe de serem ruins. “Ficávamos em uns barracos muito bem feitos no Plano Piloto, ao lado do Hotel Imperial. Não havia nada e, de repente, foi surgindo. Veio gente de tudo quanto é lugar.” Como contraponto a todo esse encanto, Aristides fala apressadamente, meio acuado, das marcas deixadas pelo regime militar. “Aquilo foi muito ruim, foi a pior fase da gente aqui”, lamenta.